PAR

/ 97 IPEA

COMO VAI?

De

e

COMO VAI?

as doenças transmissíveis ainda renitentes e com a reincidência daquelas já relativamente erradicadas.

Nesse contexto, o aumento crescente da importância relativa das *doenças sociais* — alcoolismo, tabagismo, violências e acidentes —, principalmente dessas últimas, vem sendo negligenciado, carecendo de redefinições do papel da saúde pública no domínio de sua prevenção, a fim de que deixem de ser consideradas fruto do acaso e da fatalidade.

O aumento da importância da morbi-mortalidade por violências e acidentes (acidentes de veículos a motor, demais acidentes, suicídios e homicídios) não é fenômeno particular da sociedade brasileira, mas de inúmeros países desenvolvidos e em desenvolvimento, variando apenas na intensidade e no padrão por tipos de causas.

Nos países desenvolvidos, há 50 anos, 2% a 3% das mortes gerais eram de natureza violenta; atualmente nesses países, em média até 10% das mortes são causadas por violência. No Brasil, segundo as estatísticas de mortalidade do Ministério da Saúde, a proporção de óbitos por violências cresceu, entre 1979 e 1989, de 9,2% para 12,5%.

Essa progressão, que resulta em parte da queda da importância de outras causas de morte, principalmente das mortes atribuídas às doenças infecciosas e parasitárias, se deve também ao aumento real da mortalidade específica por violências, sobretudo aquelas relacionadas aos acidentes de veículo a motor, homicídios, quedas acidentais e acidentes provocados por exposição a riscos no ambiente de trabalho.

A sobremortalidade masculina por essas causas, principalmente entre as idades de 15 a 30 anos, quando as mortes violentas representam valores superiores a 50% dos óbitos gerais registrados, é fenômeno bastante conhecido e discutido na literatura especializada.

Os 17% dos óbitos masculinos de todas as idades causados por violências em 1989 posicionam esse grupo de causas em segundo lugar entre os principais grupos de causa de morte da população masculina, posição compartilhada com as causas mal-definidas (17,6%). Esta posição é superada apenas pelas doenças do aparelho circulatório (25,3%) e representa aproximadamente o dobro da proporção de mortes por neoplasmas (9,1%) e doenças do aparelho respiratório (8,1%). Para o sexo feminino, as mortes violentas são o quinto principal grupo de causas de morte (5,3%), posto que dividem com as doenças infecciosas e parasitárias (5,5%), superadas pelas doenças do aparelho circulatório (32%), pelas causas mal-definidas (19,5%), pelos neoplasmas (11%) e pelas doenças do aparelho respiratório (8,3%).

As causas de morte violenta mais freqüentes entre os homens são: os homicídios (31%), os acidentes de veículos a motor (27%) e os demais acidentes (24%); e, para o sexo feminino: os acidentes de veículos a motor (37%), os demais acidentes (33%) e os homicídios (13%).

As proporções de mortes violentas registradas para o sexo masculino foram: Centro-Oeste (24,6%), Norte (20,6%), Sudeste (18,6%), Sul (16,6%) e Nordeste (13,8%). Quanto aos tipos de causas violentas mais freqüentes entre os homens, distinguem-se três padrões. O primeiro, caracterizado por maior freqüência, por ordem decrescente, de mortes relacionadas aos acidentes de veículos a motor, aos homicídios e aos demais acidentes, como ocorre na região Centro-Oeste. O segundo, caracterizado por maior freqüência de homicídios, acidentes de veículo a motor e demais acidentes, registrado nas regiões Norte, Sudeste e Nordeste; e, por fim,

um terceiro padrão, característico da região Sul, que corresponde à maior freqüência de acidentes de veículos a motor, dos demais acidentes e dos homicídios.

Para o sexo feminino, as proporções de mortes violentas registradas nas grandes regiões são, por ordem decrescente: Centro-Oeste (9,2%), Norte (6,1%), Sul (5,5%), Sudeste (5,4%) e Nordeste (3,9%). Quanto à importância por tipos de violências, o padrão mais freqüente é o de maior proporção de acidentes de veículos a motor, os demais acidentes e os suicídios.

É importante destacar que o registro das informações sobre as mortes violentas conta com inúmeras imprecisões, além de problemas de cobertura, a qual estima-se que seja de 75% do total dos óbitos ocorridos no Brasil. Em nível regional esta foi estimada em 70% nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste e aproximadamente 100% no Sul e Sudeste. Além disso, as proporções de violências indeterminadas em 1989 foram próximas de 15% para o Brasil, de 6% a 10% no Centro-Oeste, Norte, Nordeste e Sul e de 18% no Sudeste.

Esses últimos dados, principalmente, sugerem que se promovam reflexões críticas sobre a confiabilidade dos dados e das fontes disponíveis sobre as mortes violentas. Dar maior atenção à melhoria da informação é fundamental para que se criem argumentos válidos para se conscientizar e sensibilizar setores políticos e sociais, capazes de refletir sobre os rumos do desenvolvimento e de suas conseqüências perversas, e de promover ações e programas de prevenção às violências e acidentes.

Como Vai?

População Brasileira

Uma publicação da
Diretoria de Política Social do IPEA e da
Diretoria de Pesquisa do IBGE

Editora
Ana Amélia Camarano

Edição Técnica
Serviço Editorial do IPEA (Brasília)

Colaboram neste número: Ana Amélia Camarano, Antônio Benedito Marangone Camargo, Aparecida Vieira de Melo, Fernando Fernandes, Heloisa Pagliaro, José Alberto Magno de Carvalho, Laura L. Rodrigues Wong, Luís Antônio Pinto de Oliveira, Luis Patrício Ortiz, Maria Graciela G. de Morell, Paulo Campanário.

Tiragem: 500 exemplares